



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 2

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-280-7

DOI 10.22533/at.ed.807192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Nos cursos de formação preocupados com as conexões discursivas entre as ciências da linguagem, estudar a língua em uso significa compreender como o discurso é construído, sem a omissão investigativa das contextualizações da linguagem. Os cursos de formação simbolizam autênticos espaços de produção do conhecimento, além de problematizar as questões que necessitam ser refletidas e analisadas nas ações dos sujeitos.

Os sujeitos trazem como experiências as inúmeras e múltiplas vivências que são confrontadas nos espaços formais de ensino. Discutir sobre os processos de ensino significa considerar que há também a produção de saberes nos contextos não formais de produção do conhecimento.

Nesse sentido, a presente Coleção traz trinta reflexões e inúmeros autores que aceitaram o desafio de promover um diálogo com os contextos e as propostas de ensino, sobretudo na formação, alfabetização e letramento dos sujeitos, interlocutores desta coletânea. O que a torna necessária são as diferentes concepções e perspectivas nos quais os conhecimentos são apresentados.

No primeiro capítulo, as autoras discutem os contos de fada a partir do gênero propaganda, em que o estudo tem como metodologia de pesquisa a análise bibliográfica pertinente à problematização. No segundo capítulo, as autoras analisam o curta ficcional *Sombras do Tempo*, de Edson Ferreira, 2012, sob a perspectiva foucaultiana, aproximando os debates sobre raça e cinema no Brasil. No terceiro capítulo, o autor dedica-se em dois propósitos: identificar e analisar o diálogo entre a linguagem fílmica discutida no corpo do texto.

O autor do quarto capítulo traz à discussão a necessidade do planejamento escolar no contexto da dimensão teórico-pedagógica como prática necessária, além disso, discute e apresenta, sucintamente, as diferenças entre *planejamento* e *plano de aula*. No quinto capítulo, os autores apresentam as questões estéticas e visuais dos grafitos de banheiros como realização verbo-visual que apontam os discursos universitários. No sexto capítulo, o autor trata dos diálogos intertextuais entre Babadook e o Movimento Cinematográfico Expressionista Alemão.

No sétimo capítulo, a autora discute sobre as temáticas *formação* e *evasão* de alunos do Curso Técnico de Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais. No oitavo capítulo, os autores discutem e analisam, a partir de estudos culturais, as visualidades produzidas e amparadas na investigação comparada e híbrida. No nono capítulo, o autor discute os processos discursivos que ligam o sujeito na discussão conceitual entre a materialidade do sujeito, a sociedade e o consumo.

O autor do décimo capítulo reflete os modos de aprendizagem da iluminação cênica no contexto da formação de acadêmicos de Teatro, a partir da realização de uma oficina de iluminação cênica. No décimo primeiro capítulo, os autores fazem um recorte de um estudo mais amplo realizado em determinada disciplina de formação.

No décimo segundo capítulo são analisadas e identificadas a aplicabilidade de instrumentos capazes de ampliar o vocabulário nos diversos contextos de produção.

No décimo terceiro capítulo, as autoras tomam o Italiano como herança linguística a partir da proposição de material didático. No décimo quarto capítulo, a autora aproxima o viés teórico da prática tendo como análise alguns escritos de Antonio Candido e Pier Paolo Pasolini. No décimo quinto capítulo, os autores refletem sobre as relações entre memória e aprendizagem, relacionando o tema à problemática do Alzheimer, a partir de uma análise fílmica.

No décimo sexto capítulo, os autores apresentam uma reflexão sobre a produção do conhecimento nas artes híbridas focalizando os possíveis diálogos e convergências da linguagem cinematográfica em audiovisualidades contemporâneas. No décimo sétimo capítulo, os autores propõem, discutem e problematizam um método alternativo para o ensino de Física com alunos do ensino médio de escolas públicas. No décimo oitavo capítulo, o autor aprofunda-se, de forma bilíngue, nos termos médicos para compreender o significado de termo aplicado à interpretação e diálogo.

No décimo nono capítulo, a autora investiga a condução de um processo artístico para o deslocamento e o equilíbrio pelo desenvolvimento permanente. No vigésimo capítulo, frutíferas reflexões são apresentadas pelos autores sobre o discurso da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, colocando em jogo o entendimento teórico de uma proposta metodológica. No vigésimo primeiro capítulo, a autora provoca leituras, pesquisas e diálogos sobre a construção histórica de um veto ao ficcional que é, em última instância, um veto da própria imaginação.

No vigésimo segundo capítulo, o autor realiza uma análise, apresentando a intratextualidade, além do diálogo do autor consigo mesmo. No vigésimo terceiro capítulo, a autora trata da potencialidade do silêncio presente na imagem, a partir do filme-carta *Letter to Jane: na investigation about a still*, de Jean-Luc Gofarf e Jean-Pierre Gorin, tecendo um breve panorama poético-conceitual do que pode ser imagético. No vigésimo quarto capítulo, as autoras trazem ao leitor os resultados da prática de dança, utilizando-se do método investigativo e de questionário estruturado, realizado entre outubro de 2017 e fevereiro de 2018.

As autoras do vigésimo quinto capítulo destacam os sentidos do romance *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. No vigésimo sexto capítulo, a autora analisa a Progressão Parcial à luz da Análise de Discurso Pechetiana. Já no vigésimo sétimo capítulo, a discussão de um projeto é apresentada pelas autoras como proposta reflexiva.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute a narrativa à valorização de uma voz subjetiva na representação do registro documental e da arte contemporânea. No vigésimo nono capítulo, a autora revela um percurso de uma pesquisa participante em arte. E, por fim, no trigésimo capítulo que fecha as reflexões desta Coleção, as autoras discutem acerca de uma ruptura com o discurso colonizador e seus mecanismos de pressão na América Latina.

Todos os autores dos trabalhos compilados neste segundo volume da coletânea em questão, desejam que os possíveis leitores e investigadores encontrem os questionamentos capazes de desenvolver as habilidades investigativas na produção do conhecimento em quaisquer que sejam as áreas do saber.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CONTOS DE FADA EM PROPAGANDAS: APELO À EMOÇÃO E QUESTÕES DE GÊNERO FAIRY TALES IN ADVERTISEMENTS: APPEAL TO EMOTION AND GENDER ISSUES	
Fabiana Piccinin Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924041	
CAPÍTULO 2	16
CORPO NEGRO E PODER O CURTA SOMBRAS DO TEMPO NA PLATAFORMA AFROFLIX	
Lara Lima Satler Emilly César Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8071924042	
CAPÍTULO 3	32
EL TOPO E O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO: DAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE DOIS FAROESTES LATINOS DOS ANOS 70	
Gabriel Philippini Ferreira Borges da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8071924043	
CAPÍTULO 4	42
O PLANEJAMENTO ESCOLAR NA DIMENSÃO TEÓRICO-PEDAGÓGICA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8071924044	
CAPÍTULO 5	52
FABRICAÇÕES DO COTIDIANO: ESTÉTICA E VISUALIDADE NOS/DOS GRAFITOS DE BANHEIRO	
Ana Paula Aparecida Caixeta Luiz Carlos Pinheiro Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924045	
CAPÍTULO 6	64
HERANÇAS EXPRESSIONISTAS NO HORROR CONTEMPORÂNEO: AS ESTRATÉGIAS DIALÓGICAS DE <i>BABADOOK</i>	
Gabriel Perrone	
DOI 10.22533/at.ed.8071924046	
CAPÍTULO 7	71
FORMAÇÃO E EVASÃO DE ALUNOS DO CURSO TÉCNICO DE INTÉRPRETES DE LIBRAS DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ALMIRANTE SOARES DUTRA - ETEASD NO MERCADO DE TRABALHO EM PERNAMBUCO	
Denise Melo Darlene Lira	
DOI 10.22533/at.ed.8071924047	
CAPÍTULO 8	74
AS <i>ARPILLERAS</i> E A REFLEXÃO SOBRE OS SUJEITOS EM NARRATIVAS POÉTICO-VISUAIS	
Jossier Sales Boleão Émile Cardoso Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.8071924048	

CAPÍTULO 9	84
IMAGEM E CONSUMO: A TRANSFORMAÇÃO DO(NO) CORPO E A PROBLEMÁTICA DO REFERENTE	
Guilherme Carrozza	
DOI 10.22533/at.ed.8071924049	
CAPÍTULO 10	96
ILUMINAÇÃO CÊNICA: PRINCÍPIOS PRÁTICOS DA ILUMINAÇÃO TEATRAL	
Vanderlei Antonio Bachega Junior	
DOI 10.22533/at.ed.80719240410	
CAPÍTULO 11	103
INFERÊNCIAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE AS PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA	
Adão Fernandes Lopes	
Denise Dias de Carvalho Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.80719240411	
CAPÍTULO 12	117
INSTRUMENTOS PARA A AMPLIAÇÃO E ADEQUAÇÃO VOCABULAR NO ÂMBITO DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TEXTUAL ORAL E ESCRITA	
Fernanda Luzia de Almeida Miranda	
Tuise Brito Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.80719240412	
CAPÍTULO 13	128
ITALIANO COMO HERANÇA EM PEDRINHAS PAULISTA: UMA PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO	
Rosangela Maria Laurindo Fornasier	
Tatiana Iegoroff de Mattos	
Fernanda Landucci Ortale	
DOI 10.22533/at.ed.80719240413	
CAPÍTULO 14	140
LITERATURA E REALIDADE EM ESCRITOS DE ANTONIO CANDIDO E PIER PAOLO PASOLINI	
Ana Clara Vieira da Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.80719240414	
CAPÍTULO 15	150
MEMÓRIA E COGNIÇÃO: A DOENÇA DE ALZHEIMER RETRATADA NO FILME <i>ELLA E JOHN</i>	
Bianca Cardoso Batista	
Vagner Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.80719240415	
CAPÍTULO 16	164
LINGUAGEM, CORPO E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO NO CINEMA E NAS ARTES DO VÍDEO	
Cristiane Wosniak	
Rodrigo Oliva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240416	

CAPÍTULO 17	177
METODOLOGIA ALTERNATIVA PARA O ENSINO DE FÍSICA	
Shayenny Alves de Medeiros	
Maria Suenia Nunes de Moraes	
Kátia Cristina Barbosa da Silva	
Elivélton de Lima Alves	
Bismark Mota da Silva	
Brenda de Souza Silva	
José Walber Farias Gouveia	
Maria das Graças Araújo Barros	
Virgínia Micaela de Amorim Silva	
Rafaele Maciel da Silva	
Patricio José Felix da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.80719240417	
CAPÍTULO 18	187
MORFOLOGIA APLICADA À TERMINOLOGIA MÉDICA: UM ESTUDO PARA LINGUISTAS	
Bruno Eric dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240418	
CAPÍTULO 19	200
O BALANÇAR DO MANTO	
Sofia Gentil Mussolin	
DOI 10.22533/at.ed.80719240419	
CAPÍTULO 20	212
O DISCURSO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ALGUNS APONTAMENTOS DISCURSIVOS	
Lucas Martins Flores	
Alice Maria Martins Rebelo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240420	
CAPÍTULO 21	224
O IMAGINÁRIO COMO VIA DE TRANSGRESSÃO DO REAL	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240421	
CAPÍTULO 22	229
O INTERTEXTUAL E O INTRATEXTUAL NA OBRA DE WOODY ALLEN: UMA ANÁLISE SOBRE OS FILMES “ALICE”, “BLUE JASMINE” E “WONDER WHEEL”	
Alexandre Silva Wolf	
DOI 10.22533/at.ed.80719240422	
CAPÍTULO 23	239
O SILÊNCIO DA IMAGEM: PERSPECTIVA MICROPOLÍTICA NO FILME-CARTA <i>LETTER TO JANE</i> (1972)	
Maruzia de Almeida Dultra	
DOI 10.22533/at.ed.80719240423	

CAPÍTULO 24	254
PRÁTICAS DE DANÇA NA MATURIDADE E A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NA REGIÃO SUL DO BRASIL: APRESENTANDO ALGUNS RESULTADOS	
Daniela Llopart Castro	
Elisabete Alexandra Pinheiro Monteiro	
Eleonora Campos da Motta Santos	
DOI 10.22533/at.ed.80719240424	
CAPÍTULO 25	264
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM O <i>CONTINENTE</i> : MOVIMENTOS DO TEMPO E DO VENTO	
Ana Cristina Agnoletto	
Márcia de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.80719240425	
CAPÍTULO 26	279
PROGRESSÃO PARCIAL: MAIS UMA LEI QUE NÃO FUNCIONA	
Mônica Lopes Névoa Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.80719240426	
CAPÍTULO 27	285
PROJETO DE ESQUADRIAS DE PALETES PARA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL “CANTO DE CONEXÃO”	
Karina dos Santos Moura	
Renata Caetano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240427	
CAPÍTULO 28	291
REGISTRO DOCUMENTAL NA ANIMAÇÃO A <i>BAILARINA</i>	
Carla Lima Massolla Aragão da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.80719240428	
CAPÍTULO 29	304
REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS	
Cristiane Machado Corrêa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.80719240429	
CAPÍTULO 30	317
SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRAFANDO CORPOS <i>TRANS</i> COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA	
Janayna Medeiros Pinto Santana	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.80719240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	329

REVOADA EM CORES: PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO SIMBÓLICA DA REALIDADE VIVIDA NAS AULAS DE ARTES VISUAIS

Cristiane Machado Corrêa Ferreira

Universidade Federal do Pará – UFPA

Santana - Amapá

RESUMO: Este artigo vem apresentar um percurso de pesquisa, que procurou indagar sobre os sentidos produzidos pela mediação de um artefato estético nas aulas de artes visuais, constituído em uma pesquisa participante em arte. Ela teve a intenção de produzir dados em campo para a produção do artefato intitulado: Lata artística. Nesse cenário reflexivo, como professora/pesquisadora, imprimi na Lata artística as referências do convívio em sala de aula, inventando espaços de aprendizados. As percepções e reflexões desse processo investigativo ocorreram entre os anos de 2016 e 2017, na Escola Estadual Augusto Antunes na cidade de Santana/AP, que resultou em um produto artístico-pedagógico, além do artefato mencionado, um livro composto por algumas obras de arte produzidas pelos alunos-participantes da pesquisa. Deste modo, dialogo com autores como Richter (2014), Rey (2002), Aslan e Iavelberg (2006), Ostrower (1990), Dewey (2010), Geertz (1997) e Wne Flick na busca dos caminhos teórico-metodológicos, baseados na perspectiva qualitativa delimitada pelo uso da pesquisa participante e do entrelaçamento com a pesquisa em arte. Assim,

apresento esses momentos em quatro tópicos, para, finalmente, compreender como e sob quais circunstâncias os sentidos pedagógicos impactam o processo criativo de produção de um produto estético, mediando aprendizados e sentidos sensíveis sobre o conteúdo: cores nas aulas de artes visuais. A partir dos resultados, reflete-se acerca da ação pedagógica de professores de artes visuais na perspectiva de uma docência criadora que se inspira na pesquisa em arte, nutrindo a imaginação de alunos e professores pela sensorialidades cultural e educativa vivida nas salas de aula de arte.

PALAVRAS-CHAVE: Cor. Ensino de Arte. Lata Artística. Processo Criativo. Vivências Artísticas.

ABSTRACT: This article presents a course of research, which sought to inquire about the meanings produced by the mediation of an aesthetic artifact in the visual arts classes, constituted in a research participant in art. It was intended to produce field data for the production of the artifact entitled: Artistic Tin. In this reflexive scenario, as a teacher / researcher, I printed in the artistic can the references of living in the classroom, inventing learning spaces. The perceptions and reflections of this investigative process occurred between 2016 and 2017, at the State School Augusto Antunes in the city

of Santana / AP, which resulted in an artistic-pedagogical product, in addition to the mentioned artifact, a book composed of some works of art produced by the research participants. In this way, I dialogue with authors like Richter (2014), Rey (2002), Aslan and Iavelberg (2006), Ostrower (1990), Dewey (2010), Geertz theoretical-methodological, based on the qualitative perspective delimited by the use of the participant research and the interlacing with the research in art. Thus, I present these moments in four topics, to finally understand how and under what circumstances the pedagogical senses impact the creative process of producing an aesthetic product, mediating learning and sensitive senses about the content: colors in the visual arts classes. From the results, it is reflected on the pedagogical action of teachers of visual arts in the perspective of a creative teaching that is inspired by the research in art, nourishing the imagination of students and teachers by the sensorialities cultural and educational life lived in the art classrooms .

KEYWORDS: Color. Art Teaching. Artistic can. Creative process. Artistic Experiences.

1 | INVENÇÕES DO CAMINHO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE ARTE

Esta investigação, de cunho qualitativo, caminhou pela ideia de compreensão e colaboração. Isso quer dizer que a inquirição mergulhou na dinâmica dos processos reflexivos do pesquisador e a interpretação dos sentidos apresentados pelos interlocutores. Essa ressalva, um tanto explicativa, situa a pesquisa na dimensão entendida por Uwe Flick (2009) e Sandra Rey (2002), orientada para uma metodologia educativa mais expressiva do ensino das artes visuais no espaço escolar formal.

As orientações de pesquisa de Flick (2009) consideram que o processo de reflexividade, por meio da comunicação e da dinâmica dos envolvidos, podem ampliar alguns elementos referentes ao conhecimento produzido numa situação de produção de dados. Fica evidente a compreensão da pesquisa qualitativa como um processo interativo, no qual se vivenciam diversos papéis e experiências durante as interações práticas e artísticas nas relações sociais entre os participantes. Desse modo, coloque-me nessa imersão sistemática como aprendiz e, sob a forte influência da experiência e do convívio horizontalizado com alunos na educação formal e em campo de pesquisa.

A postura qualitativa orientada pelos autores se apresenta igualmente ao artista/professor que faz da experiência, nesse caso da experiência em sala de aula, o meio de contato que impulsionam a invenção do próprio caminho pedagógico. Caminho que se insinua conscientemente, mas que, também, leva em conta a imaginação e a intuição que se atravessam na vida cotidiana no ambiente escolar. Ou seja, o caminho metodológico que “não se baseia apenas naquilo que pode ser apreendido pelos sentidos, mas que também ser apreendido pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento” (TOURINHO, 2009, p. 150).

Os entendimentos teóricos que levaram a pensar a pesquisa, dispostos pelo viés qualitativo e a comunhão da ação docente em sala de aula como invenção, requereram

a contribuição e inspiração da pesquisa em arte como caminho e possibilidade estética de transitar entre prática e teoria no ensino de arte (REY, 2002). Ou seja, através da observação, descrição dos processos didáticos e a reflexão ininterrupta do professor/pesquisador na interação de aprendizados, especialmente a atenção na escuta dos saberes culturais dos envolvidos.

Esse delineamento de pesquisa remete a inquietação que impulsionou a sistematizar e problematizar o alcance dos conteúdos de artes visuais e a mobilização da ação docente. Isso implica considerar que as relações de aprendizados no espaço escolar, considerando a dinâmica e os intercâmbios reflexivos de aprendizados entre o conteúdo de ensino de arte cores, com a participação de alunos e a produção de artefatos culturais venham fazer parte do currículo escolar na vertente cultural como construção e elaboração de objetos artísticos dentro dos espaços de aprendizagens.

Ao se tratar da cor, como elemento de elaboração e composição em diversos trabalhos artísticos e complexidade do processo criador, esse elemento exerce expressivas sensorialidades sobre as pessoas. Isso me levou a indagar como esse conteúdo de arte se apresenta no ensino formal, sobretudo exigindo uma necessidade de interação pessoal e visual, criando possibilidades para diálogos expressivos na construção de conhecimento.

Portanto, partimos da premissa de que os experimentos propostos em sala de aula, com objetos para estimular a criação, em trabalhos realizados nas aulas de Artes Visuais, promovem aprendizados que se vinculem entre a realidade vivida e a pintura. Esses aprendizados podem despontar significados que extrapolam os limites da sala de aula e faça do ensino das artes visuais, bem como seus conteúdos e, nesse caso as cores, deslocamentos e posicionamentos em momentos diversos e distintos da vida diária dos alunos e dos professores.

Com base nessa problematização, tenho como objetivo geral investigar como e sob quais circunstâncias os sentidos pedagógicos impactam o processo criativo de produção de um produto estético e como aferiam aprendizados e sentidos culturais sobre as questões de cores. Decorre de esse objetivo geral mergulhar em perguntas que não possuam verdades em suas respostas, mas que tragam luzes e cores para nos indicar outros caminhos, para se fazer e entender a ação da docência em artes visuais.

Nas especificidades da observação participante, *que consiste na participação real e ativa do pesquisador como membro do grupo*, procurei: compreender como se organiza a vontade de saber arte por meio de um produto artístico na educação formal. Tendo em vista que percepções pedagógicas convergem na produção de um artefato estético e os aprendizados vividos em sala de aula. Por fim, penso em identificar referências culturais intercambiadas na produção estética e na ação pedagógica das aulas de artes visuais e os sentidos negociados e mediados pela *Lata artística* impulsionando e estimulando o desejo de aprender cores.

As reflexões provenientes das respostas em campo estimularão a novas

inquietações para pensar o ensino de arte. A crença é que essas reflexões possam potencializar interações educativas, desenvolvendo percepções, posicionamentos e comportamentos para criar novos mundos de relacionamentos e convívio educativo.

2 | INTERCÂMBIOS METODOLÓGICOS NA PRODUÇÃO DA LATA ARTÍSTICA

Durante as interações para a elaboração da Lata artística, reproduzi em um rascunho como seria a construção metodológica desse artefato. As investigações e rabiscos levavam a um viés contemporâneo na mistura de objetos, composições, sem critérios ou normas a seguir, como discute Rey (2002, p.125). “A arte contemporânea levanta a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos. Não existe um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada *a priori* pelo artista”. Isto é, o artista faz sua própria regra, emprega a metodologia necessária na construção de novos processos de criação, neste caso, se essa falta de regras intimida o ensino de arte. Deste modo, essas reflexões levaram-me a elaborar e construí um artefato estético, chamado Lata artística, para contrapor a falta de importância em que o professor trabalha o conteúdo cor em sala de aula.

Na construção, a inspiração de cada Lata veio da experiência e convívio em sala de aula. Passou pelo processo de preparação e transformação, conforme a necessidade de criação e estímulo nos experimentos com os alunos, trazendo diálogos pertinentes ao processo de criação de um objeto capaz de causar impacto visual, reflexões a respeito do conteúdo cor e estimular o fazer artístico.

No entanto, durante o caminhar de produção da primeira Lata, busquei ardor com o arco-íris, a aquarela, os pigmentos, paletas de cores, dentre muitos mecanismos e artifícios para falar de cor na composição de uma lata de tinta. Para isso, havia a necessidade de criar uma Lata que narrasse minha própria história e envolvesse as experiências dos sujeitos, criando o meu próprio processo de confecção. Como afirma Sandra Rey (APUD PAREYSON, 1991, p.59): “a arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, ‘invente o seu próprio modo de fazê-la’”.

Então, como fazer uma Lata de tinta chamar atenção de alunos? Motivada por esse questionamento, construir duas Latas iniciais, uma de papelão e outra de alumínio. Porém, as duas não motivava os alunos a criação, então, construí outra, como propõem Ostrower (2010, p.26) “no formar, todo construir é um destruir”.

Ou seja, foi necessário ordenar e passar por está experiência de construção da Lata de papelão e alumínio para desconstruí-la, com intuito de recriar um objeto mais atrativo sem delimitação em sua apreciação. Nos conceitos operatórios, discutidos por Rey (2002), a obra se torna um elemento ativo na produção de significado, muitas vezes extrapolando as intenções do artista. Por isso, houve a necessidade de modificação e reelaboração das ideias iniciais da lata, partindo assim, para uma nova “produção de sentido”, que se configuravam na preparação da terceira Lata.

A lata tinha que trazer os produtos que fizeram parte da confecção das imagens

pelos alunos. Era suas produções o resultado final. Mas, com quais materiais foram feitos? Por que não colocá-los em evidência na lata, já que ela estava num processo de apropriação de mecanismos e ferramentas estimuladoras, criativas para um público juvenil. Criar um objeto visualmente atrativo, feito de próprio punho requer conhecimento e paixão pela feitura. Contudo, Rey (2002, p. 128) nos lembra de que “toda obra de arte é uma resposta singular a um estímulo”. E esse estímulo proferido na construção da Lata artística vinha do desejo de ensinar sobre cores através da experiência artística utilizando a linguagem visual, propondo experimentos práticos e nutrindo discussões vindas da arte e da cultura.

Deste modo, surgiu a Lata três (figura 1). Mais colorida, criativa e ao mesmo tempo rústica, misteriosa.



Figura 1: Lata Artística três, 2017. Acervo da pesquisa.

Encobrimo-a de lápis de cores desgastados, bisnagas de tinta acrílica, pincéis antigos, formas geométricas emborrachadas, mostruário de tintas e tinta guache.

Todos esses materiais que foram usados por mim e pelos alunos foi colada na base lisa da lata, “enfeitando-a”, sem regras na metragem de cada objeto utilizado, assim a composição da superfície tornou-se alegre, colorida, divertida e atrativa.

Algumas manifestações observadas ao longo dos trabalhos com a *Lata* foi o modo como os alunos comportavam-se diante dela. Sentimentos de alegria e euforia, o desejo de sentir e segurar o objeto, eram paralisados pelo medo de danificar ou que alguém pudesse chamar-lhes atenção. “*Essa lata é bonita e colorida, mas tenho medo de tocar nela*”, falou sorrindo, Erica dos Santos, 17 anos. Já Aline Albuquerque, 16 anos, impressionada com os objetos que compõem a Lata observou: “*todos esses materiais a gente usa diariamente nas aulas de pintura, é muito legal vê-los assim, na lata*”. De tal modo, percebi que até as imperfeições nas formas, nos lápis de cores, nos

rabiscos de tinta, eram perceptíveis aos olhos do observador atento.

Além disso, inventar meu próprio caminho pedagógico, interligando diversos discursos, levou a rumos diversificados na compreensão do ensino de arte e no fazer artístico, através da observação da Lata três, que mediou conversações, análises entre alunos durante toda a ação de construção e aplicação desse artefato em sala de aula.

3 | CONVERGÊNCIAS DO FAZER ARTÍSTICO E O SABER DOCENTE

Como professora-pesquisadora de Artes Visuais, ansiosa por mudanças no modo de refletir o ensino de arte e lecionar conteúdo cor para alunos do ensino médio nas experiências pedagógicas em sala de aula, voltada para o fazer artístico como aprendizado, não foi uma tarefa fácil. No entanto, o desejo era positivo e pulsante em redesenhar novas tendências para as práticas artísticas e o saber docente, em expressar gostos e sensações cromáticas nas produções em sala de aula, compreendendo e interpretando os sentidos através de um objeto artístico.

Esse redesenhar veio em pesquisas como de Nelisa de Oliveira (2016), que se detém em investigar como os professores de arte pensam e atuam diante a formatação do conceito cor nas turmas do 7º ano do ensino fundamental, e a forma como os professores organizam suas ações no processo de ensino e aprendizagem. Nesta abordagem, a autora se concentra nas experiências dos professores ao ensinar cor no ensino fundamental. Sandra Richter (2014) investiga a cor em sua experiência com a arte educação, e observa que na escola pesquisada são limitadas as possibilidades das crianças explorarem e experimentarem a ação de pintar. E ressalta que a pintura “poucas vezes é explorado como conhecimento que permitem outros modos de interação entre crianças, adultos e o mundo” (RICHTER, 2014, p. 57). Sendo assim, chama atenção para a importância desse momento intenso de desvelar por meio do fazer pictórico um pensamento intuitivo e totalmente aberto à novidade. Pois, trabalhos que discutem a cor diretamente sobre o ensino nas práticas artísticas e alçam questões relacionadas acerca das metodologias, empregadas nas aulas de Artes Visuais, são fundamentais para o crescimento pessoal, educacional e artístico desses sujeitos.

Esses estudos das práticas artísticas na educação de adolescentes na experimentação com as cores são essenciais nas áreas do conhecimento humano, mas não somente no ensino, e sim, com a contribuição de suas experiências realizados nos espaços em que tais produções foram estimuladas.

Portanto, acredito que aprender com as experiências diárias são caminhos para se alcançar o conhecimento, a partir delas que surgem aprendizagens significativas para o desenvolvimento de habilidades e competências, assim como a criatividade. A esse respeito, Fayga Ostrower (1990, p. 251) discute que “o criativo na pessoa só pode aflorar e manifestar-se espontaneamente. A criatividade e sua realização correspondem assim a um caminho de desenvolvimento da personalidade”. Tais condições internas sensibilizam o indivíduo, em voga da criatividade, sua capacidade de engajar-se no que

se faz, baseado em suas experiências de vida e são mecanismos para o crescimento pessoal e criativo. Neste sentido, penso que não só pela espontaneidade o indivíduo desenvolve a criatividade, e sim, por uma série de estímulos e associações inerentes as suas experiências.

Ostrower (2010), em outro discurso, debate a criatividade como objeto a ser trabalhado orquestradamente. Em suma, a estudiosa defende que, atuando em conjunto com fatores entrelaçados, faz-se relação à problemática social, econômica, política e também a cultural. Por isso, se isolarmos tais elementos, inegavelmente, criamos barreiras em prol de inibir o livre fluir da criatividade. Conseqüentemente, a problemática da liberdade de criar torna-se evidente, porque, em determinados momentos, este dito manar da criatividade necessita de estímulos para florescer e mediar os modos como os sujeitos se expressam.

Deste modo, é possível inferir que a proposição de ações educativas em aulas de Artes, (pensadas para acionar e estimular a percepção artístico-criativa de alunos do Ensino Médio) possa ser uma oportunidade de prover outros aprendizados. Por isso, da importância de repensar e reposicionar o lugar do fenômeno cor nas experiências de ensino e aprendizagem, porque cotidianamente, são ilimitadas as possibilidades de experiências com a cor.

Além disso, ao repensar como a cor participa ativamente em nossas vidas nos levam a escolhas, uma vez que demonstra a interação entre a experiência e o fazer artístico e que venha de algum modo refletir sobre a opção da cor preferida, ou a estampa floral, quadriculada das roupas, da decoração. São gostos extraídos do cotidiano, do meio pelo qual o ser humano faz a interligação da vida com os espaços que vivencia. Porque “a primeira grande consideração é que a vida se dá em um meio ambiente; não apenas *nele*, mas por causa dele, pela interação com ele” (DEWEY, 2010, p.74).

Para Arslan e Iavelberg (2006), as práticas educativas em arte aproximaram-se das práticas sociais, incluindo a produção de diferentes tempos e culturas, como saberes a ser ensinados. No mais, segundo as autoras, as orientações didáticas a partir de trabalhos práticos de professores com seus alunos em sala de aula, adaptadas de acordo com o contexto educativo, são pontos a serem estudados e aplicados no processo ensino e aprendizagem, pois envolver o aluno no processo, desde a adaptação do espaço em que o projeto vai ser realizado ou na montagem de um ateliê de arte na escola são experiências que promovem reflexões e transformação do olhar desses alunos. “O modo de se fazer arte se transforma, e isso também ocorre com os espaços de produção” (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p.62).

Portanto, a cor aparece como objeto da experiência do olhar, das escolhas num enfoque artístico e cultural. São aprendizados constantes e trazem experiências culturais significativas como relações de costumes, beleza, cor, estética e aprendizado. Falar da cor como parte da cultura é um exercício que nos aproxima dos significados diários, é grande sua relevância em determinada cultura enquanto em outros, nem

tanto. Assim como Geertz (2008) compreende a arte como um sistema cultural simbólico, então, podemos compreender o fenômeno cor como entidade complexa, que nos imbuí significados também complexos e só fazem sentidos a partir das nossas vivências.

4 | ENCONTROS REFLEXIVOS DA PESQUISA EM ARTE E A PRODUÇÃO DA LATA ARTÍSTICA NO ESPAÇO EDUCATIVO

A Lata artística surgiu como um suporte provocativo para estimular os estudantes sobre as possibilidades de criação por meio das cores, instigando sensações, percepções, agregadas a partir das vivências dos alunos. As dimensões desse artefato provou ser artístico, social e cultural, realizadas a partir de observações exploratórias, na exposição da Lata, em oficinas desenvolvidas na escola; em análises das pinturas dos alunos e suas inquietudes ao longo dos processos de exposição da *Lata* como objeto participativo e necessário na composição sugestiva de uma pesquisa em artes.

Deste modo, a Lata passou a conversar com o processo de expressão e criação, sendo importante instrumento de análise como artefato estético na pesquisa e na construção de novas composições voltadas à educação. Contudo, a confecção da Lata tinha apenas um objetivo, chamar a atenção do estudante para a cor, e cada elemento posicionado nela foi pensado como estímulo à produção, à criação e à percepção através da pintura e da colagem, usando variados objetos e ferramentas utilizados na produção pictórica, em cores variadas compôs um instrumento-artístico-pedagógico.

A Lata artística apresenta um conjunto de ferramentas pedagógicas, a qual permite que o professor mediador trabalhe os conceitos de cor, teorize, analise e experimente cada um dos objetos contidos nela nas aulas de Artes Visuais. Acompanha um livro de Orientação didático-metodológico de experiências com a cor, que traz sugestões e dicas para o professor proceder no uso de cada um dos objetos, tendo-os como possibilidades de material pedagógico facilitador no processo de ensino, buscando aguçar a imaginação dos alunos, além de guiar e motivar rumo ao conhecimento voltado ao universo da cor, enquanto mecanismo de aprendizado e levar a discussões sobre o ensino de arte visuais e a docência criadora em ações educativas em sala de aula.

Deste modo, as ferramentas, os experimentos práticos sugeridos para dá suporte a metodologia da Lata Artística revelou nos trabalhos de pintura e colagem dos alunos, que por trás das nossas preferências subjetivas há uma enorme quantidade de informações que trazemos em nossa psique: “influências culturais, regionais, associações conscientes e inconscientes” (BARROS, 2011, p. 80). Assim, a compreensão do fenômeno cor e sua subjetividade podem contribuir para as práticas em sala de aula, na construção de imagens. Afinal, trabalhar com elementos que provocam e estimulam a criatividade e o conhecimento está no cotidiano, nos afazeres

diários, na escolha das roupas, na sensibilidade humana, valorizam a imaginação, a intuição e os acasos, conforme esclarece Ostrower (1990, p. 07) “a fonte da criatividade artística, assim como de qualquer experiência criativa, é o próprio viver”.

Igualmente, ocorre o aprendizado e a valorização das experiências. O fazer de alunos de Ensino Médio, em processo de formação revelado através da cor, suas preferências, gostos e demonstra que é possível reavivar momentos pictóricos da infância, muitas vezes, esquecido pela falta de comprometimento pedagógico, profissional e familiar, e ressignificá-lo em aprendizagem, criatividade e ensino.

5 | A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA DOS ALUNOS

Relatar as experiências dos alunos durante a realização do projeto é gratificante, pelo fato de participar desses momentos de reflexão, análise e aprendizado com cada um deles e de conhecê-los em seu potencial artístico e pessoal. Compartilhamos experiências artísticas, teorias e momentos de autoconhecimento e amadurecimento intelectual.

A espontaneidade e interesse dos alunos foram fundamentais para o sucesso e para a grande produção artística originada a partir do envolvimento dos alunos com artefatos, materiais e técnicas e, mostrar para a escola que isso é possível, ampliar atividades com os alunos que reverberam habilidades no mundo visual, não importa se não temos salas adequadas, ou laboratórios de artes. O importante, segundo Tourinho (2009, p. 146) é “molecar” com os artefatos que nos rodeiam. Fazer deles e com eles, objetos das nossas licenciaturas discursivas e metodológicas. Assim, garantir o sucesso na produção de obras autênticas e expressivas.

Dessas experiências em oficinas com os alunos, (figura 2) desenvolvi um livro intitulado de *Revoada em Cores: produções nos espaços educativos* e também uma exposição, afinal foram produzidas na dimensão “Experienciação” um acervo de mais de 40 trabalhos entre pinturas e colagens, durante dois anos de aplicação do projeto na escola. O material diversificado em temas, formatos e principalmente cores contribuiu para o aprendizado na manipulação e misturas de tintas, técnicas de pinturas em aquarela, guache, acrílica, óleo e ainda refletir sobre cada material que foi utilizado nas atividades práticas dos alunos. Arslan e Lavelberg (2006) falam da importância da constante reflexão dos materiais e suportes utilizados nos trabalhos de arte, pois são impregnados de história e se relacionam com o fazer, sendo rica fonte de conhecimento de pesquisa em propostas práticas nas aulas de artes visuais.



Figura 2: Alunos nas produções da oficina Compreensão (2017).

Fonte: Acervo da autora.

A exposição do projeto contou com a participação especial dos pais, direção, professores e serviço técnico pedagógico da escola. Os alunos foram homenageados pelos pais e agradeceram pelo incentivo da Escola com projetos que oportunize e estimule os alunos a produzirem e modelarem seus sonhos por meio das práticas artísticas. A importância de expor os trabalhos ganhou proporções além dos muros da escola, divulgado com seriedade as produções criativas e expressivas de cada aluno.

Portanto, todas as experiências voltadas para o estudo das cores fizeram com que o aluno ampliasse a capacidade do olhar, do ver que se formou, inconscientemente, na construção e assimilação de sua identidade e dos saberes adquiridos, através de sua própria experiência. Segundo Dewey (2010, p. 162): “cada um de nós assimila dentro de si algo dos valores e significados contidos em experiências anteriores. Mas o fazemos em graus diferentes da personalidade”.

Após a conclusão das oficinas, cada aluno escolheu um trabalho de pintura ou colagem e comentou sobre a imagem. A aluna Nívia Luz de Paula, 15 anos, em seu relato sobre a produção escolheu *“O arco-íris, o mundo que não existe”*. Demonstra um desejo de viver em um mundo melhor, mais colorido quando ela comenta: *“a cor no meu trabalho de pintura revela um mundo que deveria ser melhor, com mais cor. Há muita maldade no mundo, então eu tento transformar através de minhas pinturas com muita cor”*.

Deste modo, essas análises dos alunos não se esgotam, são leituras e interpretações carregadas de sentido, subjetividade e expressão, nas quais a cor foi o meio de expressão principal que revela, de maneira pictórica, o que de fato esses alunos tentam mostrar sobre o espaço em que vivem e o que esses saberes diários proporcionam como aprendizagens e crescimento artístico e cultural. A alegria de desenvolver trabalhos que possa estimular as potencialidades artísticas superam as expectativas dos alunos, tornando-os capazes de refletir, criar, mediar, selecionar e recriar novos papéis na cultura e no mundo das artes.

6 | CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A prática artística, nas aulas de Arte Visuais, ainda proporciona encantamento em adolescentes através da manipulação de materiais pictóricos, na experimentação das cores, articulados com as vivências diárias dos envolvidos. São caminhos que promovem reflexões sobre suas próprias experiências na produção de novas imagens. Contudo, neste processo de conhecimento das potencialidades individuais, o aluno aprofunda saberes a partir de práticas deixadas de lado na infância.

Para este fazer artístico com a cor, ainda com o apoio dos materiais didáticos contidos na Lata Artística, o desfecho das produções dos alunos aconteceu, espontaneamente: prazer de manipular a tinta, a delicadeza e concentração no momento de produção foi surpreendente. Certamente, ao final de tudo, essa experiência pictórica iria se encaminhar para as práticas artísticas em produções que exploravam a imaginação de cada educando.

Neste bailar de cores e materiais, a Lata Artística que, a priori, surgiu apenas como suporte dos materiais necessários para submergir no universo das cores, auxiliar o educando a explorar os materiais em busca de experimentar texturas, inventar cores e criar efeitos surpreendentes em uma nova linguagem visual. Logo, foi verificado que estimula e desenvolve a capacidade para novas descobertas e agrega suas preferências e gostos nas produções com a cor.

Acredito, pois, na possibilidade de termos preferências por determinadas cores e a partir daí impregná-las de subjetividade, tornando-as visíveis em produções criativas que venham reverberar em imagens que demonstre o cotidiano e suas diferenças na expressão, compreensão e fazer artístico de cada indivíduo, contextualizando sua história de vida permitindo que o educando tenha mais dinamismo e interação de sua realidade.

Por todo modo, suscitou observar a sensibilidade de experimentação da cor; composição da imagem resultante, hibridação de cores, o emprego das cores do cotidiano, sem muito importar-se com o possível nível alcançado de habilidades nas produções pictóricas. Por isso, empreguei, qualitativamente, a aplicação dos elementos pictóricos relacionados ao cotidiano dos alunos.

Ao final, as técnicas apreendidas pelos alunos tiveram boa assimilação, o uso dos materiais e as composições de misturas de tintas foram similarmente bem trabalhados. No que tange as produções, a simplicidade dos traçados, a forma de aplicação da cor no processo de composição, estavam bem evidenciados na maioria das pinturas. Ressalto, ainda, a existência de diferenças entre os participantes. Com efeito, cada um possui sua característica especial marcada com impressões bem pessoais.

Ressalto, ainda, que os alunos, quando são estimulados de forma apropriada, adquirem saberes e conhecimentos sobre si, revelando suas competências e reflexões sobre sua própria prática expressada dentro do contexto educacional, vivenciado em

sala de aula. Para tanto, as análises não se esgotam somente com as observações aferidas até aqui, sendo de vital necessidade, maior aprofundamento em torno dos momentos de criação coletivas ou individuais de alunos em processo de experiências artísticas com a cor, sejam eles antes, durante e depois da conclusão das aulas e oficinas de artes.

Contudo, existe a necessidade de trazer ações ligadas ao fazer artístico dentro e fora da escola, assim como, criar esforços a fim de desenvolver ferramentas que favoreçam o processo criativo com alunos do Ensino Médio, para dissipar a ideia equivocada de que as aulas de Arte consistam em momentos de lazer, e sim, em um processo de apreensão de conhecimento sobre os saberes adquiridos, voltado a um olhar crítico e reflexivo sobre sua própria realidade.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Ensino de Arte**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus e as teoria de Goethe**. 4ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução de Vera Ribeiro, Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins – 21 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **A interpretação das culturas**. – Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2014.

KLEE, Paul. **Teoría del arte moderno**. Buenos Aires: Cactus, 2007.

OLIVEIRA, Nelisa Tânia Coe de. **Pensando e atuando com o conceito cor: a perspectiva dos professores de arte do ensino fundamental**. Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Educação. Goiânia, 2016.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 25ª ed. Petrópolis, Vozes, 2010.

_____. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

REY, Sandra. **O meio como ponto zero** – Metodologia da Pesquisa em Artes plásticas – Por uma abordagem metodológica da Pesquisa em Artes Visuais . Org. Blanca Blites e Elida Tessler. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

RICHTER, Ivone. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas. SP. Mercado de Letras, 2003.

RICHTER, Sandra R.S. **Crianças pintando: experiência lúdica com as cores**. In. CUNHA, S.R.V.

da; LINO, D.L. (Orgs.). As artes do universo infantil. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, p. 57 – 105, 2014.

TOURINHO, Irene. **Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar.** In. MARTINS, Raimundo; e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa.* – Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009, p. 141 -156.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-280-7

